



3972 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

#### A CAMPANHA ELESPORELAS (HEFORSHE) NO CONTEXTO ACADÊMICO

Stella Marcia de Moraes Santiago - UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
Maria Eulina Pessoa de Carvalho - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

O trabalho se propõe a analisar discursos e contradiscursos acerca da adesão ao Movimento ElesPorElas (HeForShe) de uma IFES. As fontes analisadas são: falas da representante da ONU Mulheres (Brasil), de um ativista e acadêmico dos estudos de masculinidades e de docentes ativistas feministas da instituição. Discute-se o lugar dos homens no movimento e na superação da violência de gênero, e a importância da adesão pessoal e institucional ao movimento. PALAVRAS-CHAVE: Movimento ElesPorElas (HeForShe). Violência contra mulheres. Educação Superior.

### A CAMPANHA ELESPORELAS (HEFORSHE) NO CONTEXTO ACADÊMICO

#### 1. Introdução

A violência contra as mulheres tem alcançado grandes proporções no Brasil e no estado da Paraíba. Segundo dados da Secretaria de Estado da Saúde fornecidos pela Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN sobre violência sexual, doméstica e familiar), de janeiro a agosto de 2017 foram notificados 1033 casos de violência física, 257 de violência psicológica/moral e 141 de violência sexual, sendo 98 estupros. Segundo o Centro da Mulher 8 de Março, até julho de 2017 ocorreram 43 casos de homicídio de mulheres e 27 tentativas de homicídio contra mulheres na Paraíba (CARVALHO, 2017, no prelo). Além disso, o assédio e a violência misóginos também afetam homossexuais e transgêneros femininos, que sofrem agressões e violações de seus corpos e de seus direitos, e são mortos por apresentarem manifestações performáticas do feminino.

Quando abordamos as formas de violência contra as mulheres e as estratégias de enfrentamento, entendemos que há ainda muito o que compreender, discutir e propor sobre projetos, planos, estratégias educativas, ações e campanhas efetivas para mudar a realidade da desigualdade de gênero e violência contra a mulher na Paraíba, no Brasil e no mundo, nos dias atuais. Nesse contexto emerge o Movimento ElesPorElas (HeForShe) da ONU Mulheres, lançado em 2014, visando erradicar a violência de gênero globalmente, via empoderamento de meninas/mulheres e construção de masculinidades não violentas, convocando especialmente os homens para se engajarem na aceleração do avanço da igualdade de gênero nos governos, corporações e universidades. Em novembro de 2017, a Universidade Federal da Paraíba aderiu formalmente ao movimento, através de suas reitoras, em evento que contou com a representante da ONU Mulheres no Brasil.

A adesão ao Movimento ElesPorElas na IFES investigada traz discursos a favor e contra, aqui chamados contradiscursos, que expressam as diversas vozes de sujeitos envolvidos com as questões da violência de gênero e do feminismo, geralmente mulheres. Este texto analisa tais discursos e contradiscursos com base nas seguintes fontes: falas da representante da ONU Mulheres (Brasil), de um ativista e acadêmico dos estudos de masculinidades convidado para a cerimônia de adesão, e de docentes ativistas feministas da IFES.

#### 2. Discursos e contradiscursos em torno do ElesPorElas

O quadro 1, a seguir, sintetiza os discursos e contradiscursos acerca da adesão ao Movimento ElesPorElas na IFES investigada, que expressam as visões e posicionamentos de indivíduos e grupos favoráveis e contrários ao movimento. Para lê-los se utiliza a abordagem de Eni Orlandi (2009, p. 34):

Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Isso porque, [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz e (que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras (ORLANDI, 2009, p. 34).

#### Quadro 1 – Discursos e contradiscursos sobre a adesão da IFES ao Movimento ElesPorElas

DISCURSO

CONTRADISCURSO

- o nome da campanha convida os homens a serem e estarem a favor das mulheres, não a agir em seu lugar;
- a campanha entende que se os homens são os perpetradores da violência, ela não desaparecerá enquanto eles não forem chamados a refletir e se posicionar para erradicá-la;
- a campanha entende que a violência de gênero é um problema potencialmente dos homens e eles devem ser responsabilizados por ela;
- a campanha convida os homens a pensarem, junto com as mulheres, em questões que as afetam diretamente, mas também afetam outros grupos (crianças, homossexuais, idosos)
- a campanha quer visibilizar homens que se importam com causas diretamente ligadas ao gênero feminino para que eles sirvam de modelo para outros homens;
- a campanha mobiliza a ação conjunta de mulheres e homens em busca dos ideais de equidade e justiça social e de gênero.
- o próprio nome da campanha aponta a ideia de dominação masculina;
- as atividades da campanha deveriam voltar-se ao empoderamento feminino como forma de combate à violência;
- a campanha associa o combate à violência a ações resolutivas propiciadas por homens;
- a campanha supõe que homens possam trabalhar pelas mulheres em questões específicas das mulheres, que elas não têm condições de assumir, mas eles tampouco têm;
- a campanha prioriza os homens em detrimento das mulheres;
- a campanha propicia o protagonismo dos homens e não das mulheres.

Fonte: autoras, agosto de 2018.

Alguns grupos feministas – exclusivamente de mulheres – inclusive põem-se na contramão do movimento. Para estes, a própria nomenclatura ElesPorElas (HeForShe) já passa uma ideia de dominação, de reforço do patriarcado, indicando a submissão feminina, sugerindo que continuamos incapazes de resolver nossas questões e ir em busca de nossos direitos, e que ‘precisaríamos de homens’ para mudar nossa condição.

Em contraposição, partimos do entendimento de que a solução advém do problema. Pesquisas mostram que os maiores abusos e violências sofridos por crianças, adolescentes, mulheres, gays, idosos são sempre cometidos por pessoas que estão perto delas. Os agressores e abusadores, além de serem em sua maioria do sexo masculino, estão próximos, frequentemente em casa, são avós, pais, companheiros, namorados, filhos, amigos, vizinhos, chefes de repartições, padrões domésticos, moram no mesmo bairro, na mesma rua, das/os que neles depositaram confiança ou deles esperam proteção, amor.

Assim, combater a violência não pode se pautar apenas em pensar em estratégias de impedir e evitar violência. Tem-se que pensar em mudança de ação, de mentalidade, comportamento dos potenciais perpetradores. Essa é a proposta educativa do ElesPorElas (HeForShe): o movimento “é um esforço global para envolver homens e meninos na remoção das barreiras sociais e culturais que impedem as mulheres de atingir seu potencial, e ajudar homens e mulheres a modelarem juntos uma nova sociedade” (ONU MULHERES BRASIL, 2018). Isso implica combater o problema que já existe, mas também pensar na formação de gerações de meninos e meninas, de jovens não violentos/as, embasada em ideais de equidade e justiça social e de gênero.

Esse é o discurso defendido pelo movimento. Para Orlandi (2009, p. 15), “a análise do discurso [...] trata do discurso”. Assim, “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (idem, p.16). Com base nisto, apresentamos os posicionamentos discursivos proferidos, na palestra de adesão ao Movimento ElesPorElas na IFES, pela representante da ONU-Mulheres e pelo ativista e acadêmico dos estudos de masculinidades, que defendem que o Movimento ElesPorElas abre possibilidades de inserirmos os homens em um espaço em que precisam estar. Afinal, falar de violência contra a mulher, de todas as ordens (patrimonial, física, emocional, psicológica, sexual), bem como de assédio sexual, moral, que se dão, na maioria das vezes, pelos homens que ocupam espaços em suas vidas, precisa ser com eles, incluindo-os.

A representante da ONU-Mulheres apresentou dados sobre a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher no Brasil e no mundo e lembrou o quanto estão relacionadas a sua cor e origem étnico-cultural, desembocando nas condições de trabalho e salário, nas oportunidades de acesso à educação, saúde, cultura, lazer. Sendo os homens os dirigentes de governos, empresas e universidades eles são coniventes com a opressão, exploração e negligência das mulheres e precisam se posicionar explicitamente sobre isso.

O ativista e acadêmico dos estudos de masculinidades refletiu sobre a invisibilidade da experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e do cuidado com as crianças. Fundador do Instituto *Papai*, iniciativa pioneira na América Latina de educação de rapazes para a paternidade, frisou a importância do feminismo para que o *Papai* exista, bem como tantas outras instituições que aderem à causa das minorias e partem de um discurso feminista que jamais pode ser esquecido. Defendeu que é necessário o olhar para o cuidado como algo a ser estimulado, ensinado e valorizado também para os homens. E afirmou que dizer ao homem que é impossível ou indesejável cuidar, zelar, sentir e demonstrar sentimentos resulta de uma construção social androcêntrica, sexista e machista, que necessita ser questionada e mudada.

Quando nascemos não possuímos ideias pré-concebidas sobre coisas ou pessoas, cores, pele, sexo, do que é possível ou não pensar, fazer. No entanto, rapidamente vamos sendo apresentados/as ao que está estabelecido para meninos e para meninas, bem como ao que é tido como adequado ao comportamento do gênero masculino e do gênero feminino e, assim, começamos a lidar com as expectativas que a sociedade deposita sobre cada um/a, a partir do sexo biológico com o qual nascemos.

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade (ORLANDI, 2009, p. 35).

Somos diretamente afetadas/os pelo que está posto socialmente, pelas construções de um patriarcado opressor. Aqui, cabe trazer à discussão a afirmativa discursiva contrária à adesão ao movimento: a campanha busca visibilizar os homens trabalhando pelas mulheres

em questões das mulheres; prioriza os homens em detrimento das mulheres e elege-os como protagonistas. A esse respeito poderíamos, assim como Mata (2014), questionar que atestado de menoridade é esse que ainda sentimos tanta necessidade de um *outro*, externo, estrangeiro que se impõe e dita o que devemos e podemos, e como faremos. No entanto, compreendemos que é preciso negociar com o diverso, com o outro que nos coloca no território intersticial das negociações entre “mundos”, no entrelugar (PRYSTHON, 2003).

Nesse sentido, não se pode esperar que haja mudanças na ordem patriarcal violenta sem pensar que estas estão diretamente vinculadas ao que muda neles, nos homens e meninos, nas suas formas de pensar, ver e interagir com o feminino. Compreendemos que são necessárias estratégias e ações educativas que os contemplem junto com as mulheres e meninas, assim como estudos e intervenções psicológicas que possibilitem a eles refletir sobre seus modos de pensar sobre *si* e sobre a outra, sobre seus direitos e deveres com relação à pessoa humana, mulher e homem.

Ações sociais, projetos e campanhas educativas que os incluam, exijam deles partilha e adesão, e os responsabilizem – também, junto conosco – pela mudança que almejamos na sociedade, são muito bem-vindas.

### 3. Considerações Finais

Compreendemos que a desconstrução das relações de desigualdade e violência de gênero e da misoginia começa a ser possível quando essas relações são questionadas e confrontadas. E são as *mulheres* – que ainda não se sabem *feministas* e as que já assim se reconhecem – que ousam fazê-lo. Mas é também a partir do questionamento das mulheres sobre suas condições de vida e trabalho que vozes outras passam a ser ouvidas, contempladas historicamente e politicamente, e que podemos discutir questões de desigualdade de gênero, cor/raça, religião, e de violência, não somente contra a mulher.

Assim, o ElesPorElas (HeForShe), ancorado na compreensão do gênero como categoria relacional, objetiva que homens e meninos passem a se perceber implicados na problemática da violência e se assumam partícipes de uma sociedade que busca a cada dia fortalecer suas bases de equidade/justiça, de forma que isso se estenda a eles próprios, a outros homens, mas, principalmente, às mulheres com as quais convivem.

### REFERÊNCIAS:

CARVALHO, Maria Eulina P. de. *Documento de Adesão à Campanha HeForShe/UFPB* 2017. No prelo.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Revista CIVITAS*: Porto Alegre/RS. v. 14. n. 1. p.27-42. Abril de 2014.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

ONU MULHERES BRASIL. *ElesPorElas*. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/> Acesso em: 10 de agosto de 2018.

PRYSTHON, Angela. W. Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. *Revista FAMECOS*: Porto Alegre/RS. n 21. Agosto de 2003.

*Relatório de Gestão 2015 UFPB*. Disponível em: file:///C:/Users/Stella/Downloads/Relat%C3%B3rio%20de%20Gest%C3%A3o%20-%20UFPB%20-%202015%20(1).pdf Acesso em: 12 de dezembro de 2017.